

JOAQUIM NABUCO

CLAUDE-HENRI FRÈCHES

Trad. NEUSA PINSARD CACCESE (*)

I — O Homem

A carreira de Nabuco acompanha o curso da história brasileira. Em Roma, para se tornar tribuno, o patricio solicitava sua adoção por um plebeu. Nosso autor, campeão da liberdade e do progresso, substitui sua família de senhores de engenho do Nordeste pela "negritude". Africanos deportados, mártires dos engenhos, comparados outrora às forjas de Vulcano por Antônio Vieira, os "santos negros" não teriam conquistado, ou pelo menos resgatado um Brasil de esperança? Joaquim Nabuco acredita dever-lhes sua volta ao catolicismo. É, certamente, devedor de seu modernismo. A abolição lançou realmente o elemento servil desorganizado e desarmado num aviltamento proteiforme. Pelo menos o colonialismo se esclerosou o bastante para não mais entravar o futuro do povo.

Do sistema escravocrata, entretanto, Joaquim tomou inicialmente apenas a côr patriarcal. Em Massangana, onde foi batizado no ano de seu nascimento, em 1849, sua madrinha Ana Rosa Falcão de Carvalho cuidava piedosamente de seus velhos escravos. As negras mimavam o menino branco. O mundo familiar era branco e negro. Mas logo o cenário bucólico se desmorona, revelando uma verdade mais crua: um negro recapturado suplica à criança que o resgate, para poupar-lhe o castigo reservado aos escravos fugitivos. O capitalismo impessoal acentua a injustiça da condição servil.

(*) O presente trabalho servirá de introdução à edição do original francês de *Foi Voulu* de Joaquim Nabuco, organizada pelo Prof. Claude-Henri Frèches. Agradeço o auxílio prestado, na tradução, pela Licenciada Maria Ignez Correia de Novaes.

Morta Ana Rosa, Massangana se industrializa. E mais tarde, Nabuco quase não reconhecerá o engenho onde habitara a Justiça e a Misericórdia.

A família e a escola destinam o adolescente para a vida política. Deixa o Recife pelo Rio de Janeiro, onde seu pai, o conselheiro Nabuco, é uma glória para a sociedade imperial. Antigo ministro da Justiça, sua opinião é ouvida. Confia seu filho ao barão de Tautphoeus, sábio bávaro, imigrado no Brasil. Será seu aluno, primeiro em Friburgo, depois no Colégio D. Pedro II, desde 1860. Brilhante e dissipado, êle namora sobretudo a poesia, e cultiva a filosofia. Machado de Assis saúda, no *Diário do Rio de Janeiro*, sua primeira publicação, *O Gigante da Polônia*.

Seis anos depois, na Faculdade de Direito de São Paulo, estuda a fundo a história da Revolução Francesa e enche-se de Quinet e de Hugo. Mesmo quando o pai retoma a pasta da Justiça, continua militando na oposição. Justifica o assassinato político, pois o tirano é a expressão de um mal de raízes profundas. Essas atividades, contudo, sua amizade com Rui Barbosa e Castro Alves, não o desviam da poesia. Enquanto o pai funda o *Centro Liberal*, partido que reivindica o sufrágio direto e a abolição, êle traduz o *Anti-slavery Reporter*. Frequenta, naturalmente, os bastidores do teatro, onde sua beleza viril, já famosa, fere corações. A leitura de Renan faz com que perca a Fé. Sua admiração por Chateaubriand atíça-lhe a religiosidade.

Em 1869, Joaquim Nabuco matricula-se na Faculdade de Direito de Recife. Sua reflexão amadurece: pressente que o triunfo do progresso é dom das massas. A elite tradicional é incapaz de marchar para a frente. O jovem passa então para o campo dos oprimidos. Jules Sandeau acabara de revelar-lhe o conflito interior que dilacera qualquer sociedade. Por outro lado, Fox, Pitt e Bagehot garantem a excelência do liberalismo. O dandismo, entretanto, mascara esta conversão política. Apelidam Nabuco de *Quincas*, o *Belo*. Com efeito, suas roupas não temem a excentricidade; usa jóias vistosas.

Um dia, num julgamento no Palácio, salva um negro assassino. Panfletário, ataca o Imperador em *O Povo e O Trono*. Mas não chega a terminar uma obra sobre a escravidão. Leitor de *René*, o suicídio o espreita. Sua mãe, a grandes penas, o salva.

Bacharel em direito, ei-lo no Rio, não sabendo mais se é republicano ou ainda monarquista, pois Laboulaye o disputa a Bagehot. Escreve para os jornais artigos filosóficos: como Platão, defende a existência de Deus e da alma. Mais ou menos na mesma época escreve um ensaio sobre Camões, publicado em 1872. Bate-se também pela emancipação dos escravos, o sufrágio direto, a instrução obrigatória e a liberdade de consciência. Luta por um governo e uma Igreja livres, numa sociedade livre. Companheiro dos franco-maçons e dos livres-pensadores, ataca a Hierarquia. Conferencista do

Grande Oriente no Brasil, ataca Roma, o Concílio Vaticano, a infabilidade pontificia, e publica uma série de artigos anti-clericaes, com o título de *O Partido Ultramontano*.

É chegada, enfim, a hora da viagem à Europa, peça mestra da educação brasileira. No navio, Joaquim Nabuco apaixonou-se por Eufrásia Teixeira Leite, rica proprietária de plantações de café: longo idílio, que jamais chegará ao casamento.

Em Paris, Gambetta o decepçiona. Admira Thiers. Renan trata-o paternalmente e o apresenta a Taine. Schérer, Littré, Laboulaye e Charles Edmond o recebem bem. No dia 3 de janeiro de 1874, vai até Nohant e almoça na casa de George Sand. Depois é a Itália, o conhecimento de agradáveis viajantes. Na companhia de Eufrásia, visita Roma, Veneza, Como, Ouchy. O fruto da viagem é uma coleção de poemas franceses, *Amour et Dieu*. Em Londres, depois em Fontainebleau, mergulha em Thackeray. De volta ao Rio, Nabuco faz uma série de conferências sobre os pintores italianos. O *Globo* faz d'ele seu crítico literário. Com Machado de Assis, funda a revista *Época*, da qual só apareceram quatro números.

Em 1876, nós o reencontramos adido de legação nos Estados Unidos. Para voltar ao cargo, passa por Londres e Paris. Renan lhe oferece seus *Dialogues philosophiques*, com uma dedicatória lisongeira.

Mas, em Washington, o diplomata se aborrece: instala-se em Nova York. Dedica suas horas livres a escrever um drama francês, *Option*. Para melhor compreender Goethe, estuda alemão. Uma ligação com Fanny Work acaba de curar sua melancolia. Enfim, uma licença remunerada de seis meses permite-lhe visitar o Canadá, as quedas do Niagara, e permanecer em Londres, onde o ministro Vila Bela logo substitui o adido de legação. Em 1878, o velho Nabuco arranca o filho das delícias da diplomacia, pois o partido liberal pretende elegê-lo deputado por Recife. Por mais que seus adversários o caluniem, tratem-no de "Cupidona", por causa de suas pulseiras e do corte londrino de seus ternos, ele faz parte de uma assembléia em que se destacam Rui Barbosa, Afonso Pena, Homem de Melo e José Bonifácio. Joaquim Nabuco apressa-se a fundar a Associação Brasileira contra a escravidão. Dota-a de um jornal, *O Abolicionista*. Orador vigoroso, critica a política do Governo Rio Branco. Preconiza a secularização dos cemitérios, reivindica a eleição dos não-católicos. Para desencadear uma campanha em prol da abolição, Nabuco parte bruscamente para a Europa. Em Lisboa, oferecem-lhe um banquete em que figuram o escritor Ramalho Ortigão e o ator Augusto Rosa. Em Madri os deputados de Cuba prestam-lhe uma homenagem: torna-se membro da "Junta" da Sociedade Abolicionista. Em Paris, esforça-se por reencontrar o velho Victor Schoelcher, veterano da luta contra a escravatura. Em Londres, é apresentado ao Príncipe de Gales. Em Brighton, enfim, consegue uma entrevista com Samuel Gurney, presidente da *Anti-slavery Society*.

Em 1881, as eleições são desfavoráveis aos liberais. Por isso, vencido, Nabuco decide permanecer em Londres, onde escreve *O Abolicionismo*. A amizade de Miss Schlesinger ajuda-o a suportar um exílio que a escassez dos recursos financeiros torna penoso.

Em 1884, Recife o reelege. Mas algum tempo depois é novamente vencido. Colaborador do jornal *O País*, embora sendo monarquista, publica o panfleto *O Erro do Imperador*, que anuncia a morte do Império. Com José Mariano, funda a *Sociedade Pernambucana contra a Escravidão*. A partir desse momento, os escravos começam a fugir de seus engenhos e usinas de açúcar.

Enquanto o escritor percorre uma vez mais a Europa, em 1887, ei-lo reeleito deputado de Recife. Os bispos brasileiros redigem uma carta pastoral contra a escravidão. O próprio Nabuco entrega ao Cardeal Rampolla um trabalho sobre a abolição. Leão XIII concede-lhe uma audiência de três quartos de hora. O deputado pede ao papa que publique a encíclica sobre a escravidão, antes da abertura do Parlamento do Rio. Apesar da oposição do governo brasileiro, o papa acede ao desejo do jovem. A encíclica *In Plurimus*, dirigida aos bispos do Brasil, é publicada a 5 de maio de 1888. Enquanto isso, no Rio, o ministério João Alfredo apresenta o projeto da abolição. A 13 de maio de 1888, a lei é, enfim, votada. Um banquete reúne, em Paris, Jules Simon, Schoelcher, Royez, Gibbet e o príncipe D. Pedro.

A Regente D. Isabel tinha trabalhado a favor da abolição. Por isso o escritor continua monarquista, por reconhecimento tanto quanto por lealdade. Nessa ocasião, encontra Evelina, filha do Barão de Inhoã. O casamento, fonte de suas mais secretas transformações, realiza-se em 13 de abril de 1889. Nabuco luta agora em prol da federação e da autonomia das províncias. Durante sua viagem pela Argentina, o visconde de Ouro Preto o expulsa do partido liberal. Isso não o impede de ser reeleito deputado por Recife.

Dois acontecimentos alteram, a partir desse momento, o destino de nosso político. A República é proclamada em 15 de novembro de 1889. A fortuna de Evelina, aplicada na Argentina, é absorvida pela derrocada financeira.

Nabuco se refugia na Inglaterra. Mas a preocupação financeira o persegue. Por isso, a notícia de que uma parte dos haveres de Evelina é recuperável traz de volta toda a família para o Brasil.

Data de então a série de artigos moralizadores do *Jornal do Brasil*. Mas os militares dominam o Estado. Por causa disso o escritor volta a Londres com os seus. Sua vida aí não é brilhante. O tédio e as preocupações financeiras tornam sua existência morosa. Aos domingos, Joaquim acompanha Evelina à missa, ora em Farm Street, na Igreja dos Jesuítas, ora no

Oratório de Brampton. A beleza da liturgia comove o discípulo de Chateaubriand. Sua meditação sonda o mistério das multidões ajoelhadas. Logo, o agnóstico chora aos pés de Nossa Senhora. O anticlerical segreda suas confidências no confessionário de Brampton. O padre Gordon consola essa alma generosa e ferida. "Quem sabe, escreverá Nabuco, se as orações dos escravos e as de Evelina não concorreram para me dar coragem de me purificar assim?".

Volta ao Brasil. A família Nabuco mora na casa dos Guimarães, em Petrópolis. Renan acabava de morrer. Seu discípulo está redigindo *Foi Voulue*: "Sem Renan, eu não teria sentido durante todo o meu afastamento da fé esta nostalgia que sentem sempre aqueles a quem Deus reserva ainda o retorno". A um amigo: "Nestes últimos anos realizou-se em mim uma perfeita evolução católica e estou escrevendo sobre isto, embora não seja para o público".

Por outro lado, as vicissitudes políticas, por volta de 1893, oferecem pouca oportunidade ao ex-deputado de participar da vida pública. Voltado para a História, redige *Um Estadista do Império e Minha Formação*.

No Rio, Joaquim Nabuco se associa a João Alfredo para abrir um escritório de advocacia. Escreve também no *Comércio*. Na sede da *Revista Brasileira*, Travessa do Ouvidor, encontra o diretor José Verissimo e seus amigos, Machado de Assis, Taunay, Eduardo Prado e Graça Aranha.

Já uma vez repellido pelos liberais, é um dia excluído do partido monarquista. Os Jacobinos, por outro lado, possuem dois jornais, o *Comércio de São Paulo* e o *Liberdade*, dos quais lhe é oferecida a direção. Partidário da revolta de Canudos e admirador de Antônio Conselheiro, o escritor é atormentado pelo rancor dos Republicanos.

No entanto, o Governo pede-lhe que defenda a causa do Brasil contra a Inglaterra, na questão das Guianas. Nabuco coloca a Pátria acima do rancor político. Em revanche, os monarquistas se afastam dele definitivamente. Nada mais se opõe à sua adesão efetiva à República. Como secretário da missão, leva Graça Aranha, a quem está unido por sólida amizade.

Algun tempo depois, é nomeado legado em Londres. Durante uma viagem à Escócia, o diplomata é atacado por uma surdez que se revelará definitiva. Ora, a questão das fronteiras das Guianas prosseguia. O ministro plenipotenciário do Brasil tinha desejado e pensado obter a arbitragem do Grão Duque de Bade. O rei Vítor Emanuel da Itália é solicitado. Este, preocupado em agradar a Grã Bretanha, pronuncia em 1904 uma sentença salomônica: atribui ao Brasil apenas uma parte do território em litígio. Nabuco escrevera dezoito volumes sobre a questão. Trabalho imenso, pouco eficaz. Entretanto, os brasileiros saudavam seu defensor como um pai da Pátria. Em recompensa, o ministro Paranhos faz do legado em Londres embaixador em Washington.

Nabuco ocupa sem entusiasmo este posto honroso. Mas, logo após sua instalação em 1905, fiel a Monroe, lança-se ao pan-americanismo. A fim de tomar parte nos debates do Congresso Pan-americano, volta ao Brasil em 1906. Cada etapa é um triunfo. É aclamado paladino dos escravos, defensor da Pátria, e pela promoção da federação das Américas. Durante um banquete, no Rio, pronuncia-se oficialmente a favor do regime republicano: êle se compara a Thiers, monarquista que se tornou servidor unicamente da França.

Nesse interim, aparecem *Pensées Détachées et Souvenirs*. Esta obra, que decorre de *Foi Voulu*, desorienta amigos e críticos. A mística aí se sobrepõe à razão: não seria o casamento da carpa e do coelho? Muito tempo passará antes que Teilhard de Chardin tente a simbiose da ciência e da religião! Entretanto, Emile Faguet saudava êsse livro com um artigo elogioso: tomara o autor por um filósofo francês!

De volta a Washington, Joaquim Nabuco retoca *Option*. Mas agora sofre de palpitações, de vertigens. Admite-se que seja por excesso de glóbulos vermelhos. Quando se acreditava designado para representar o Brasil em Haia, em 1907, o governo indica Rui Barbosa, mas o encarrega de aplainar o caminho para êste seu colega da Faculdade de Direito de São Paulo. No entanto, apesar de lançar a idéia da igualdade dos direitos no que concerne às pequenas nações, o exaltado orador Rui Barbosa melindra o delegado dos Estados Unidos.

O embaixador Nabuco continua a trabalhar pela aproximação das Américas, não obstante continuar atormentado por vertigens. Cai, um dia, vítima de uma miocardite. Convalescente, lê a vida de Spencer, a *Imitação de Cristo*, Platão. Consegue restabelecer a paz entre o Chile e os Estados Unidos. Ora, esta vida posta a serviço da abolição, em seguida da jovem república brasileira, e, por fim, da paz e da solidariedade entre os povos, chega a seu termo.

Despojado de suas jovens vaidades, pacificado por Evelina, esposa e mãe notável, reconvertido à fé católica, promotor de soluções originais para a América, o embaixador Joaquim Nabuco falece em Washington, no dia 17 de janeiro de 1910.

Transportados num navio de guerra, os restos mortais recebem em Recife honras extraordinárias. Os estandartes das sociedades abolicionistas se inclinam sobre o esquife, enquanto um canhão dispara para o céu uma explosão de glória.

II — *Foi Voulue*

Foi Voulue é a obra de um homem amadurecido. Joaquim Nabuco tinha quarenta e quatro anos, quando a redigiu, em Petrópolis, de 1892 a 1893 (1). Sua conversão era, em parte, fruto do isolamento moral em que o advento da jovem república brasileira o havia feito perder-se. Londres favorecia a introspecção, iluminada pela lâmpada familiar. Para dizer a verdade, a fé em Deus estava apenas encoberta. A emoção religiosa provocada pela liturgia, o testemunho dos adoradores de Cristo que o discípulo de Renan não tinha deixado de amar, iriam impulsionar a tôda uma série de reflexões de que *Mysterium Fidei* — é o segundo título de *Foi Voulue* — explica pormenorizadamente.

Esta obra é ao mesmo tempo uma apologia do catolicismo, tal como poderia escrevê-la um Pascal moderno, e um diário metafísico. Pois Nabuco narra as etapas de sua conversão, e defende-a diante da Razão e da Ciência. Nesses termos, ela faz do autor brasileiro um precursor, não menos interessante, de Teilhard de Chardin.

Os capítulos de "Massangana" e "Influence de Renan" relatam a infância e a adolescência do autor, as influências que sofreu. Num estilo elevado, comovem pela qualidade do sentimento. Nabuco evoca o pacto místico que o liga ao mundo dos Negros: "A mais autêntica nobreza aos olhos de Deus é a das gerações de mártires que se sucederam no cativeiro. Os Santos Negros! Possam eles sempre interceder por nossa terra, que não cessaram de abençoar com seu amor, mesmo regando-a com suas lágrimas"... Renan o havia fascinado; êste diamante só pode ser quebrado por êle mesmo: "Só a arte mata as religiões, a ciência não, e, felizmente para o catolicismo, foi êle que inspirou as últimas grandes artes... O futuro bastante avançado... o tomará (Renan) por um amigo do Salmista ou por um daqueles que não censuraram Maria pelo preço dos perfumes que verteu em Cristo". Joaquim Nabuco deve a Renan sua volta à fé: "Sem Renan, eu não teria sentido, durante o exílio, a nostalgia da fé perdida, que só conhecem aqueles a quem é reservado o retôrno".

Ora, *Foi Voulue* exprime êste "retôrno". *Mysterium Fidei?* Mistério da raça! No Brasil, seu pai havia extinguido as ordens monásticas (2). O filho liberta os escravos. Lança o clarão profético até além do Brasil, anunciando o ecumenismo, a conciliação das famílias cristãs e não-cristãs. Talvez sua juventude encobrisse o germe da conversão: tesouro escondido por sua madrinha, católica, mas do tipo colonial. Tautphoeus, o barão-professor,

(1) Cf. a nota inicial de *Pensées Détachées et Souvenirs*, Paris, 1906: «As notas reunidas agora com o título de *Pensées Détachées* foram feitas, quase todas, há treze anos em Petrópolis, enquanto o autor trabalhava numa obra cujos fragmentos, «Massangana» e «Influence de Renan», formavam capítulos. Com exceção de algumas páginas, êste volume, incluindo o prefácio, poderia ser datado de 1893».

(2) Grão-mestre da Franco-Maçonaria, o Conselheiro Nabuco, em 1854, empreendeu uma sindicância nos conventos, com o apoio do soberano e do próprio episcopado.

seguia uma religião sincera, mas conservadora. Um outro cristão, Lamennais, fez de Joaquim um liberal não-conformista. Mas Renan e Strauss puseram por terra as crenças de Quincas Belo. Os nove artigos de *Reforma* não destroem nem dogmas, nem mistérios: atacam o clericalismo, o partido ultramontano; preconizam uma igreja brasileira, a secularização dos cemitérios, a abolição do juramento por Deus. Por ocasião da questão D. Vital (3), o jornalista critica vivamente o episcopado brasileiro. Contudo, anos depois, a Graça o arrebatou. No círculo dos Jesuítas de Farm Street, no Oratório de Brampton, consolidará a fé convalescente.

Quando Nabuco decide questionar, por causa da idade e do saber, suas crenças e o agnosticismo, constata que nunca deixou de acreditar em Deus, nem na reversibilidade dos méritos. Das três virtudes teológicas, possui, portanto, embora esmaecidas, as duas principais. A Esperança lhe faria falta? Mas a *Ode aux Révolutions*, de Lamartine, ensina que o progresso se compra com o preço de dolorosas convulsões. O sofrimento do povo paga um futuro melhor. Cedo Joaquim descobre o martírio do Trabalho. No Brasil, Cristo é negro, injuriado, açoitado, torturado. Sua inocência redime o pecado original da Pátria: extinguida a crueldade, instaurada a liberdade, o país tocará no concerto das Nações.

Coincidência notável: Joaquim vem ao mundo no momento em que o Positivismo penetra no Brasil (4). Esta filosofia, como se sabe, impregna sobretudo a Escola Central e a Escola Militar. Contudo, a primeira associação de positivistas é fundada no dia 1.º de abril de 1876. Como eles, o escritor encetará campanha pela autonomia das províncias, sob a República. Mas ele encarna, com perfeição, o ideal de uma burguesia esclarecida, saída dos engenhos, provavelmente associada à elite de cristãos novos (5), que pretende ser moderna. As escolas do Império lembram a Nabuco que é preciso alinhar o Brasil com a Europa. O evolucionismo justifica suas aspirações políticas e sociais. O agnosticismo permite-lhe aceitar as conclusões do materialismo, rejeitando-o, ao mesmo tempo, publicamente. O Sul adere ao spencerismo; o Norte e o Nordeste abrem-se para as filosofias alemãs, por intermédio de Edmond Scherer (6). Talvez Nabuco seja um dos primeiros sectários de Spencer em seu país. Mas cai também no intelectualismo de Renan e de Taine.

Surge o casamento. Afastando a disponibilidade e "despedindo o prazer", faz com que o escritor deseje a verdade absoluta. Beirando a velhice, no sentido montainiano do termo, pára, a fim de "construir um abrigo".

(3) Em 1872-73, o bispo de Olinda, Frei D. Vital Gonçalo de Oliveira, para obedecer a Bula *Quanta Cura* de Pio IX, decidiu excomungar os franco-maçons de sua diocese.

(4) Cruz Costa (João) — *Contribuição à História das Idéias no Brasil*. Rio de Janeiro, 1956.

(5) Inúmeros judeus convertidos ao Cristianismo se instalam no Brasil, desde o século XVI.

(6) Cruz Costa, op. cit., p. 309.

É evidente que Deus existe. A descrença não poderia provar sua inexistência. A divindade revela-se no sentimento da natureza. Fénelon, Rousseau e os românticos preservaram, portanto, a religiosidade, ou, pelo menos, a fé de Nabuco, para quem qualquer emoção é religiosa.

No entanto, este Deus sensível ao coração se confunde com o de Voltaire e o dos Franco-Maçons. O arquiteto do Universo é uma "inteligência independente e anterior". Não é observando a natureza que o homem inventa? Mas a inteligência talvez seja a matéria. Examinando este ponto, o filósofo ultrapassa Teilhard de Chardin: "Os materialistas serão forçados a sutilar de tal forma a matéria que o mais intransigente intelectualista não hesitará também em materializar a inteligência". De resto, Nabuco constata que a evolução no seio da Natureza não exclui a inteligência infinita. E por que não haveria séries de inteligências, sendo as últimas colossais?" Na série de reatores intelectuais pode-se imaginar uma sequência de espelhos cada vez mais aperfeiçoados, antes de chegar ao primeiro grau dos corpos luminosos por si mesmos. Aí começaria uma outra série de aparelhos cada vez mais poderosos, além dos quais, somente, chegar-se-ia a Deus, fonte infinita da inteligência, a luz em si".

Entretanto, a noção de Deus é também semelhante à consciência moral, que se desprende da natureza. "A ciência se desembaraça muito facilmente da importância do mundo interior, como complementação científica... A crença num princípio moral é um fato natural semelhante à existência do homem". Aliás, não depende a ciência da procura da verdade? É impensável que o ser humano, submetido à Natureza para a vida vegetativa, escape dela para o pensamento e a ação. O livro da Natureza é isento de erro.

Deus revela-se, portanto, inseparável da Criação e da consciência humana. Mas seria Ele o criador de tudo, "um pensamento, um suspiro ou a necessidade das coisas por acontecer?" A razão, neste ponto, titubeia. A elevação ultrapassa a capacidade intelectual do Homem. Ele apreende, pelo menos, o dinamismo e a permanência do ato criador, sua eminente dignidade. Aqui o filósofo rejeita o panteísmo. Deus não poderia ser prisioneiro de uma forma. Não se poderia também imputar-lhe o mal. Nabuco admite a liberdade humana, fonte do bem, mas do mal também. Este pode atingir a Deus, que sofre com isso. Sobre esse patamar desemboca um dia a Redenção. Resta medir o mal no Tempo. "Quem sabe se o olhar de Deus não leva, como a luz, milhares de anos para chegar a cada astro novo, e regular, então, juntos o passado, o presente e o futuro, de maneira que haja bastante tempo para que a triste vegetação do mal cresça e desapareça por toda parte sem ser vista?" Mas o importante é saber se Deus criador se relaciona com os homens. Nabuco se esforça, então, para transpor a etapa do deísmo voltairiano. Certamente o homem não procuraria instintivamente a paternidade divina, se Deus se tivesse querido inacessível.

Contudo, as armas naturais do ser humano não lhe permitem atingir um objetivo tão elevado. O escritor se manteve muito tempo na crença em um Deus criador do homem livre. Filho de Deus, vota-lhe admiração e reconhecimento. Ele é "a única continuidade imaginável para a Humanidade, pois é a única confiança possível". Traço de união entre os homens, pois não criou o homem sozinho, e se revê na coletividade.

Mas reconhecer a existência de Deus não constitui um ato religioso. O escritor descobre que "não há verdadeira religião sem a consciência de que Deus e o homem estão em contínua relação de atração".

Isso recoloca o problema da alma. Nabuco intui sua existência e sua imortalidade. Por outro lado, a outra vida se impõe à razão "como necessária ao próprio conceito de Deus". O que determina a necessidade de um culto e de uma moral, em outros termos, de uma religião. Joaquim Nabuco tem o direito de formar uma, à sua vontade? Mas a razão faz com que admita o caráter necessariamente coletivo de uma religião: "a criação só procede das grandes massas". A procura do infinito, o filósofo rejeita, portanto, o politeísmo, o budismo, que não compreende, o positivismo, "que mutila a imaginação". Por que não voltar ao catolicismo ancestral, "sem ter a fé de seus crentes", apenas para dar testemunho de Deus e, diante dEle, empenhar sua responsabilidade? O autor se engajará provisoriamente nesse caminho, encorajado pelo prazer estético: a arte religiosa é a arte suprema.

Assim, toma impulso a reflexão de Nabuco. O ponto de partida, porém, continua a ser a filosofia das luzes, talvez a espiritualidade franco-maçônica. Descartes e Pascal emprestam-lhe a ajuda dos sistemas. Evolucionista, o autor toma de acréscimo a mobilidade divina e o homem coletivo. Seu sonho, entretanto, penetra num mundo ajoelhado em que despertam as "reminiscências adormecidas".

A simbologia parece-lhe "a arte soberana, aquela que põe todas as outras a seu serviço, ou melhor, a serviço de Deus". A missa é, portanto, a obra-prima sem preço. Se o autor vê nela uma "miniatura da Ceia", constata que a alma pagã também foi incorporada nesse "poema sem palavras". Pois "a fé cristã não podia crescer durante cinco séculos no seio do politeísmo, este grande criador de símbolos, sem salvar, no dia do naufrágio, uma parte da riqueza submersa". Os reflexos do culto cristão lembram, com efeito, vestais e flâmines, a Sinagoga e o Templo. "A missa, diz admiravelmente Nabuco, é um espelho da unidade divina refletida em todas as religiões; mas o que aumenta sua grandeza, como a órbita se justapõe à grandeza do astro, é a inspiração que ela insufla em todas as artes que lhe servem de complemento, desde a arquitetura que constrói seu templo, a escultura que lhe fornece as imagens santas, a pintura que a cerca de afrescos, a música que a acompanha de harmonias, a eloquência que a oferece a Deus, até as artes que se poderia chamar de menores, se o amor não fôsse ainda maior, como aquela do cinzelador que toca com suas mãos o ostensório e o cálice, do

bordador que faz brilhar o pálido e as dalmáticas, do vidraceiro que santifica a luz, do mosaísta que substitui o horizonte terrestre pelas portas de ouro do paraíso, e tantos outros". Mas Jesus, o objeto desta grandeza, continua sendo o herói de Renan: acima da Humanidade, à parte de sua antiga realidade guarda a majestade divina. Talvez encarne a mais alta expressão do ideal, mas infinitamente distante de Deus. Nabuco remexe então as cinzas do passado. Como perdeu a fé em Cristo? Aos argumentos da descrença, sua alma opõe agora uma dúvida profunda, que "se prepara para tudo reconstruir lentamente". Pois a assembléia cristã testemunha o poder da fé: associa seres desinteressados; retira dos crentes, para um fundo comum, a generosidade gratuita de que são capazes. Certamente a Pátria é um motor possante, embora a ambição possa, egoisticamente, desviar essa força: não há na história uma única nação que tenha sobrevivido à sua fé orgânica; e a fé originou, no seio da mesma raça, nações diferentes. "A nacionalidade que atravessou incólume os séculos teve uma religião por vínculo".

Em seguida, chega para Nabuco o momento de pôr à prova a promessa de Pascal: "Você deseja chegar à fé, e não sabe o caminho, deseja curar-se da infidelidade, e procura o remédio: aprenda com aqueles que estiveram presos como você, e que agora apostam todos os seus bens; são pessoas que conhecem o caminho que você desejaria seguir, e estão curados de um mal de que deseja curar-se. Siga o caminho por onde começaram: agindo como se acreditassem, tomando água benta, mandando rezar missas etc." Mas, Jesus é Deus, ou, pelo menos, o cristianismo é de origem divina? De fato, cada nova religião imprime à Humanidade um elã que diminui e leva séculos para esgotar-se. Portanto, Deus serviu-se disso para orientar as civilizações. Ora, mais a gente O conhece, mais Ele se afasta: "para além dos limites indefiníveis do futuro, dos últimos limites até onde vai a imaginação humana, encadeando e fecundando as forças ocultas da natureza, haverá sempre o santo dos santos, onde o próprio Deus trabalha". Certamente a revelação não assusta nosso filósofo. Ele a vê trabalhando por toda parte, sobretudo no domínio científico: "ela é o milagre de cada dia para a inteligência". Que Deus se esconda, nada mais lógico, se pensarmos na imperfeição da razão humana: "nosso organismo inferior é evidentemente daqueles que não suportariam nem a visão nem o pensamento claro de Deus". É por isso que a divindade revela principalmente o decálogo. De resto, "não há nada de absurdo em que Deus tenha consentido em ser adorado sob a forma de mil deuses colocados hoje no museu de antiguidades". Ele deixa "o feticheista e o cristão adorá-lo, cada um como pode". Se as religiões morrem, é que a lei da evolução — que é também lei de aperfeiçoamento, as atinge. Ora, "essas mensagens divinas são tanto mais verdadeiras quanto mais correspondem a uma consciência humana mais avançada".

Não se deve, portanto, estranhar se o Cristianismo, "a última mensagem de Deus", deixa subsistir outros contratos religiosos em épocas e para as raças "em que são melhor compreendidos pelo órgão intelectual do que seria

o ideal cristão". Vê-se que Nabuco não faz do Cristianismo a religião definitiva do Universo. Mas liga-se a êle no tempo e na história. Ora, quanto mais reflete, mais sua razão lhe parece um mau instrumento de certeza moral. Esta dúvida razoável sobre si mesmo não pressupõe já a Fé? Identificando novamente Natureza e coletividade humana, procura integrar sua consciência na Humanidade e recusa considerar-se isoladamente.

O escritor aborda, em seguida, a queda e a redenção. Para os judeus, o mundo do pecado é condenado ao castigo perpétuo. Para os cristãos, Deus intervém em sua obra para reerguê-la. Sua morte "faz da Humanidade um só corpo". Nabuco pensa que esta substituição divina explica o triunfo do Cristianismo. Com efeito, a humilhação de Cristo, sua identificação com os pobres e os oprimidos, seu fim ignominioso definem um reino paradoxal, de tal maneira que a partir de então "a Humanidade, no seu conjunto, só pode apolar-se em Deus, e a religião deve sempre ser concebida para a massa". Ao contrário do politeísmo e do budismo, "o Cristianismo dirige-se para o homem, seu fim divino". Poderia ser êle substituído por um Cristianismo sem Cristo, como o conceberá mais tarde Bultmann? Fora dêle, certamente pode haver filosofias válidas. Mas êle completa o círculo das religiões. Por isso resistirá a todos os ataques.

Acusa-se às vêzes o Cristianismo de ter, destruindo o politeísmo, esgotado as fontes artísticas. Na verdade, salvou da arte pagã tudo o que poderia ser arte, no momento das invasões. Mais tarde, identificou-se com os bárbaros; mas a iconoclastia é o fato de uma cristandade tornada bárbara, não de bárbaros tornados cristãos. De qualquer maneira, êle salvou o legado moral, tudo o que foi reconstruído procede daí.

Nabuco defende então a Idade Média e, sempre evolucionista, mostra que esta trazia em si o germe da Renascença. A Igreja retrógrada, campeã do imobilismo, deve ser julgada à luz da época, segundo a regra da História. Em compensação, a Ciência corre o risco de ser um dia também o elemento conservador por excelência. Os tumultos do século XVI foram benéficos. O Protestantismo é um ramo "fecundo em obras vivas, em seriedade moral, em virilidade religiosa". Na época em que o autor redige *Foi Voulus*, constata que o Cristianismo ainda não se organizou socialmente. Está ainda por formar-se a alma cristã do futuro, que corresponde à esperança. Enquanto se espera, a hora da caridade, segundo São Paulo, já chegou: "transformar êste vasto aparelho de egoísmo num aparelho de caridade, sem entristecer a vida, eis a obra que o cristianismo tem diante de si". Pois é o "primeiro instrumento com que Deus prepara seu reino neste mundo".

Neste ponto de sua meditação, Joaquim Nabuco já recuperou "a fé no estado gasoso". A Encarnação lhe parece lógica em sua perspectiva de imolação e de resgate. Falta eliminar da Encarnação todo antropomorfis-

mo: Nabuco realiza isso magistralmente. Examinando as obras que outrora o afastaram da religião, conclui que o objeto da fé forma um todo.

Quanto aos milagres, julga-os um complemento das profecias, para afirmar a divindade de Jesus. Apesar de ser muito fácil de admiti-los pela fé, Nabuco percebe outra importância: "a Igreja impõe sempre a crença na materialidade dos milagres; mas chegará o dia em que talvez ela permitirá sua interpretação simbólica, como as parábolas".

A pessoa de Jesus supõe, além disso, a autenticidade dos Livros Santos. Ora, a Bíblia dataria do século VIII antes de Cristo. Ainda que os textos fossem apócrifos e de períodos posteriores, seu conteúdo se inspiraria sempre numa respeitável tradição religiosa. Mas é preciso aprender a lê-los: o darwinismo contribuirá talvez, um dia, "com interpretações mais amplas dos textos". Enfim, ninguém contestará que a verdade moral aí está contida.

Folheando seus cadernos de 1869-71, Joaquim Nabuco encontra finalmente os "sortilégios que fizeram adormecer sua fé em Cristo": "envolvendo-o numa fumaça de incenso jamais queimado diante dêle, roubaram — escreve êle — sem que o pressentisse, seu pedestal divino, deixando diante de meus olhos, suspenso entre o céu e a terra". Consta que êsses historiadores de Jesus se limitaram a edificar sua própria filosofia sob os traços do Nazareno, ainda que sua figura se confunda com um cristianismo de vinte séculos. O Cristo que encontra nessas notas esquece sua divindade. É exatamente "o ponto de intersecção do finito e do infinito, o ângulo de refração de Deus na Humanidade, a síntese pessoal da criação moral". A meditação diante da Cruz acaba, um pouco mais tarde, de abrir a fonte obstruída. Inicialmente jorra o amor, depois a fé clara e abundante. Logicamente, Nabuco deve ligar-se à Igreja, apesar de querer guardar sua liberdade interior. Em Londres, onde se dá a conversão, o protestantismo e o catolicismo podem, tanto um como o outro, acolher esta fé renovada. Por isso é conveniente criticar agora êsses dois ramos do cristianismo moderno.

Ora, Nabuco responsabiliza o protestantismo pelo isolamento da Inglaterra, mais do que por seu liberalismo. E na Alemanha de seu tempo, "a liberdade ainda não amadureceu". No que concerne ao papado, é preciso reconhecer honestamente que foi, pelo menos durante doze séculos, o pastor de um só rebanho. Essa unidade não deve ser um mero acidente histórico. Por outro lado, o Cristo não fundou uma igreja cujo sacerdócio fôsse isento de tentações ou de pecado. Sabe-se que, apesar dos crimes de alguns pontífices, o papado correspondeu à sua missão de depositário da fé cristã. Nabuco anuncia profeticamente que a Igreja se penitenciará dessas faltas pública e honrosamente. Quanto à Inquisição, o autor considera com razão seu caráter local e político, mas isso não poderia justificá-la. "As fogueiras do Santo-Ofício... servem para provar que a fé, na época em que ardiam, não tinha ainda uma alma... tudo o que se opõe ao espírito de tolerância" — acrescenta, como precursor do Conselho Vaticano II — "pre-

judica muito e prejudicará — cada vez mais a reputação de qualquer instituição”. É certo que a Igreja foi outrora inimiga da Ciência. Obedecia ao instinto próprio de todo sistema que acredita bastar-se por si mesmo para todas as necessidades do espírito. Mas hoje “não há perigo de que a fé se transforme novamente em intolerância, numa sociedade como a moderna, em que a tolerância é o laço ético, o verdadeiro processo de amalgamento”. De qualquer maneira, o papel da Igreja é o de incorporar as verdades novas no velho fundo humano. O profetismo de Nabuco exprime-se aqui plenamente: “... via-a através de seus escritores modernos, bastante ampla para acolher não apenas aqueles que respeitam todas as suas tradições, como partes de seu corpo místico, mas também aqueles que crêem que tudo pode passar sem que ela deixe de ser a mesma. Exteriormente, via-a cooperar lealmente com outras religiões na obra da civilização, não exigindo nenhuma submissão intelectual fora do terreno da fé, deixando a ciência seguir seu curso e acompanhando-a em sua colheita da verdade. Essa tolerância, que não é senão a volta à sua mais antiga tradição, não estaria encarnada na figura de Leão XIII celebrando a missa de seu jubileu em São Pedro?”

Mas, entrar na Igreja não é enterrar a razão? O escritor resolve demonstrar que a Igreja refaz sua unidade à medida que avança. “Condenados da Igreja militante são eleitos da Igreja triunfante... cadeias da unidade católica”. Num *excursus* sobre a conciliação dos interesses italianos e do papado, Nabuco pressagia enfim que a Igreja “entrará dentro de pouco tempo numa corrente anglo-saxã”.

Ser membro de uma Igreja obriga a receber os sacramentos. Nabuco chega logo a contestar a teologia protestante no que concerne, por exemplo, à confissão e ao culto da Virgem. A confissão se justifica, pela preocupação de restabelecer a verdade, ainda que a custo de sacrifício. Ela é garantia de pureza. O culto da Virgem é corolário da Encarnação. Maria é a mãe dos deserdados de toda espécie, justamente porque é apenas uma mulher. As catedrais góticas revelam o enraizamento desse culto popular. Se Nossa Senhora é “a porta por onde Deus entrou na humanidade, não é, por isso mesmo, a porta por onde a humanidade entrará na casa de Deus?” Nabuco, como os negros, sincretiza o culto de Maria e o da maternidade, e mesmo o da mulher. Pois “foi às mulheres que Maria transmitiu sua reminiscência de Jesus”.

A reflexão de Nabuco sobre os anjos é hesitante. Esses espíritos correspondem à necessidade humana de personificar os graus da perfeição. Além disso, não se pode conceber Deus na solidão, privado de servidores, de seres amantes que Ele ama. Na realidade vê um acôrdo tácito entre as potências e os instintos da natureza humana, por um lado, e as verdades do catolicismo, por outro. Liberta-se mal da influência hegeliana: por exemplo, o homem tem necessidade de venerar. Nesse terreno, vê-se, a reflexão do filósofo mal rasga a bruma.

Nabuco passa, em seguida, à vida eterna. Crentes e ateus estão de fato separados da outra vida ou do nada. Misterioso além! O certo é que “a estatística do Inferno mais e mais favorece a do Purgatório”. O que é o Inferno? Uma mutilação voluntária, responde Nabuco, permitida a alguns seres, do órgão que lhes permitiria ver Deus. Com efeito, certos pecados podem destruir o ponto desconhecido através do qual o homem se prende à divindade. Nesse domínio o filósofo caminha, como se deve, com timidez. Por isso o capítulo termina com uma nota de modéstia. O autor se julga incapaz de acrescentar uma pedra ao bloco da fé católica, edificada durante séculos pela Humanidade, isto é, por Deus.

O autor de *Foi Voulue* se propõe, de agora em diante, a reduzir o antagonismo da Fé e da Ciência. Esta depende do fato, a outra da consciência. Assim sendo, Nabuco entrevê a cibernética e imagina os robôs modernos. “Por sua evolução, não é impossível que a partir de um certo momento a Humanidade retroceda”. A Ciência pode tudo, exceto desinteressar o homem do problema de sua existência e finalidade. Quem sabe mesmo se das pesquisas de que se espera o fim da alma imortal não resultará a característica divina da inteligência? Ciência e Fé, no fundo, colaboram para a mesma obra. Nabuco considera a Fé como uma espécie de repouso do espírito e da curiosidade. Ela absorve a Ciência. Na Idade Média, São Tomás pôde assimilar Aristóteles. No século XIX, absorveria Spencer. “A Igreja incorporará, no futuro, tôdas as conclusões da Ciência. Assimilará tudo aquilo que receber o *imprimatur* da Ciência. Pois a Igreja não se considera mais um bloco científico: basta-lhe ser um bloco moral. Consequentemente, é impossível qualquer conflito entre a Ciência e a Igreja”.

Joaquim hesitou muito tempo antes de se confessar e comungar. Ele o fez no Oratório de Brampton, depois de uma prece a Nossa Senhora das Dores. A experiência o libertou: “minha liberdade se deleitava com o chamado. Era uma dessas manhãs em que Londres se abre ao sol, ao longo de seus parques que se seguem como uma campina interminável, no meio da cidade oculta no horizonte, e deixa ver a mais sadia, a mais séria alma da grande capital, que jamais tenha existido”.

* * *

Convertido, o autor pára no limiar do misticismo. É membro da Igreja militante universal, mas se considera católico romano. Por isso redige esse diário não datado, das etapas por que sua alma ferida, mas espiritualista, reconquistou a Igreja de Jesus Cristo. Obra de prosélito, *Foi Voulue* prega para que “a raça latina não perca, antes que sua substituta esteja preparada, a seriedade, a profundidade que a evolução católica necessita”. Em suma, Joaquim Nabuco está persuadido de que a comunhão cristã, fundada na caridade, age para a liberdade. Sua fé ressuscitada demonstra amplamente a receptividade dos artigos do *Credo*. *Foi Voulue* é carismática, na medida

em que o pensamento do autor se orienta, com um avanço de setenta anos, na mesma direção do Vaticano II.

Assim, portanto, Nabuco defende a união substancial da fé e da verdade, não apenas revelada, mas científica. Prova, ainda, a unidade e a constância do legado da sabedoria divina no seio do cristianismo. Profetiza a Igreja futura: fiel à sua missão libertadora, tolerante, traço de união entre raças e povos, geradora de paz e amor, incita o homem a aperfeiçoar, ao mesmo tempo que retém, no tempo e no espaço, o que oferece de melhor; exige o processo da civilização e das ciências; impele a Humanidade à sua total realização.

O menos curioso não é o "batismo" de Hegel e de Spencer: se fôsse publicada na época em que foi escrita, *Foi Voulue*, provavelmente, teria sido censurada pelo Santo Ofício. A obra surge, portanto, na hora devida. Coincidente com as conclusões do Vaticano II, talvez as ultrapasse. Entretanto, a audácia da reflexão nada tem que contrarie o Evangelho, ou a própria razão. A nota dominante é o amor ativo da Igreja inocente e salutar, apesar dos erros que a História possa revelar. Através das idades, sua caridade vertical e horizontal continua, com efeito, a oferecer ao Mundo pagão a imagem do Crucificado.

III — A Edição

Os arquivos "Nabuco" do Itamarati conservam os manuscritos A e B de *Foi Voulue*.

Trata-se de fôlhas pautadas, costuradas de maneira a formar uma série de cadernos cujo formato "papel ministro" é de 33 × 22 cm. Em princípio só o verso é usado.

O manuscrito A, cheio de rasuras, constitui um primeiro estágio de *Foi Voulue*. A letra é de Nabuco: "original meu", diz êle.

O B, transcrito por uma secretária, sofreu correções, retoques, modificações do autor, trazem sua letra. Às vèzes acrescentou uma página inteira. Esse manuscrito estava destinado à impressão. Eis porque o tomamos como base de nossa edição.

O manuscrito A se compõe de três partes e oito cadernos:

I — *Premières années*: reflexões sôbre a morte de sua madrinha (*Massangana*). 15 folios.

II — Primeira parte: afastamento da fé (*Influence de Renan*). 22 folios.

IV — *Influência da Evolução*. 15 folios.

Esta parte, indicada IV, talvez tenha sido redigida mais tarde. Os cadernos seguintes (*Troisième Partie*) se definem por capítulos:

1 — *De Dieu à la Religion*. 17 folios.

2 — *Du sentiment religieux au christianisme | Premières méditations à Londres*. 19 folios.

3 — *Supériorité idéale du christianisme | ou le Christianisme vu dans son idée*. 12 folios.

4 — *Le Christianisme dans son influence*. 22 folios.

Este caderno é uma cópia.

5 — *De la divinité à la divinité du Christ*. 19 folios.

O manuscrito B comporta três cadernos, numerados de 2 a 4. O primeiro tem 38 folios, o segundo 107, o terceiro 105. Nesse meio tempo, Nabuco tinha publicado as duas primeiras partes de *Foi Voulu*, com o título de *Pensées Détachées et Souvenirs* (7).

Certos títulos, a lápis, revelam que o autor tinha a intenção de organizar um índice analítico. Só resta a numeração de linhas. As correções de Joaquim Nabuco são em tinta preta e densa. As sete últimas páginas do caderno n.º 4, também corrigidas, foram escritas pelo autor: rasuras e correções, acréscimos são de sua própria mão. E aí (8) que uma frase data a redação de *Foi Voulu*: "E agora passou-se um ano, desde que entrei nesta nova fase, e, todos os dias, a evidência de sua finalidade cresce em mim". Uma menção a lápis, na margem esquerda, indica: 1893. Certamente o autor teve tempo de rever o original, em Petrópolis mesmo. Com efeito, no momento de deixar Itambi, no dia 4 de maio de 1894, anota o ms. A. "Em meu gabinete de estudos em Petrópolis", escreve. Descreve as paredes vermelhas da sala onde trabalhava. Depois risca a frase. Evoca o escritório antigo, o recolhimento do jardim. Hesita na busca da expressão, para revelar que perdeu o gosto pelos tecidos vivos; vacila entre o burel e o linho. Esse prefácio infelizmente está inacabado. Gostaríamos de ver mais claro essa alma apaixonada, embora pacificada (9).

O saudoso Monsenhor Joaquim Nabuco (10), filho do escritor, confirma esses dados. *Foi Voulu* foi redigida exatamente durante o verão austral de 1893, em Petrópolis. Mas o autor ainda trabalhou nela no verão seguinte (11).

(7) *Pensées Détachées et Souvenirs*. Paris, 1906.

(8) Fôlha 16.

(9) O ms. A merece um estudo particular, não só porque traduz os processos técnicos de Joaquim Nabuco, sua maneira pessoal de elaborar o pensamento, mas também o que há de espontâneo e intencional numa obra desse tipo.

(10) M. outubro de 1968.

(11) Com efeito, Monsenhor Nabuco recebeu o batismo no dia 23 de março de 1894, no momento em que o pai dava o último retoque em sua obra.

Devemos admitir correções posteriores, que possam ter sido feitas justamente por volta de 1916, data do aparecimento de *Pensées Détachées et Souvenirs*. De resto, o autor punha ainda no papel reflexões e confidências. Existe ainda um manuscrito inédito. Nas sete últimas páginas de seu punho, do ms. B, encontra-se um condicional bem curioso, se datar de 1893: "Ainda que eu tivesse uma só voz, eu a colocaria, de agora em diante, aos interesses da religião". Trata-se realmente de um futuro no passado, que, diga-se de passagem, honra o escritor brasileiro de expressão francesa. Essa frase é de um homem que vê a vida caminhar em sua direção.

Talvez a conversão de Nabuco tenha constituído um fato duradouro, certamente progressivo. Modificou profundamente a personalidade do moralista e do panfletário. Por isso atenua algumas vezes a vivacidade das fórmulas, ou torna mais ortodoxo seu diário metafísico.

Examinemos correções e retoques do ms. B. Daí é preciso deduzir:

- a preocupação constante com a elegância e a clareza.
- a procura da concisão, algumas vezes da expressão abstrata adequada à filosofia.
- a supressão da imagem demasiado barrôca, do pedantismo.
- a dissimulação ou evicção do pensamento modernista, o envolvimento abafado do conservadorismo.

A linguagem de Nabuco, embora êle "pense" em francês e não em português, atinge excelente nível de segurança, precisão e propriedade. Apesar disso aparecem lusismos, momentos pesados que o escritor não consegue eliminar. Diplomata nos países de língua inglesa, com o correr dos anos perdeu essa pronta familiaridade com o francês.

Quando se trata de modificações tardias, o essencial do texto pode ter sido alterado.

Joaquim Nabuco:

- esconde suas fontes, porque quer aliviar o estilo, ou porque julga seus autores ultrapassados.
- retifica um pensamento maculado de panteísmo, rousseaunianismo, maniqueísmo ou cientificismo.
- dissimula a apologética, laicizando, de certa forma, o texto. Por que suprime, por exemplo, a referência à Encíclica de Leão XIII sobre a escrivatura?

A edição de *Foi Voulue* obedece à vontade de Joaquim Nabuco. Reproduzimos o texto na última forma em que deixou. De resto, pode-se concluir que as alterações sucessivas não modificam o essencial do pensamento. Na margem esquerda figura a indicação do folio, sempre no verso.

Serão encontradas em notas e por capítulos tôdas as palavras e frases rasuradas, de maneira que será possível reconstituir o último estudo do ms. A. Adotamos a seguinte codificação:

- a: primeira versão
- b: primeira correção
- c: última correção

Evitamos "melhorar" o texto. Às vezes um solecismo muito evidente, uma negligência talvez involuntária nos levaram a fazer um retoque de ordem gramatical, deixando intacto o conteúdo. Nesse caso, usamos colchetes ([]). Quanto à forma primitiva, é objeto de uma nota, precedida da indicação "solecismo" ou "incorreção". Qualquer editor teria aconselhado o autor brasileiro a fazer essas poucas correções. Não há dúvida de que as teria aceito.

* * *

Na verdade, teremos a agradável surpresa de descobrir um estrangeiro que maneja nossa língua com facilidade, habilidade, vigor e elegância. Quase seria preciso remontar ao século XVIII para encontrar um escritor não francês capaz de se exprimir com êsse virtuosismo. Emile Faguet se enganou ao criticar *Pensées Détachées et Souvenirs*. Tomava Nabuco por um diplomata francês disfarçado em crioulo (12). *Foi Voulue* é tanto uma obra brasileira quanto ecumênica. No século XVI, teria sido escrita em latim. Mas, na época de Joaquim Nabuco, o francês goza ainda de universalidade. Redigir *Fou Voulue* em francês não seria uma resposta ao desafio de Renan tanto quanto uma homenagem ao exegeta da *Vie de Jésus*? Pois, paradoxalmente, o discípulo lhe deve a ressurreição de sua fé, confirmada pela ciência.

A família de Joaquim Nabuco nos permitiu conservar durante meses o ms. B. Deu-nos acesso aos outros mss. franceses do abolicionista. Renunciou aos seus direitos legítimos sobre esta edição de *Foi Voulue*, preocupada em partilhar com o público a mais preciosa herança: o pensamento íntimo de um dos grandes escritores e homens políticos do Brasil. Não saberia-

(12) E. Faguet — *Annales politiques et littéraires*, 29 de setembro de 1907. Cf. Cl.-H. Frêches, Joaquim Nabuco de Araújo, poète et moraliste d'expression française. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Boletim n.º 245, São Paulo, 1960, pp. 8-9.

mos exprimir-lhe suficientemente nosso reconhecimento. Dedicamos este trabalho à memória de Monsenhor Joaquim Nabuco, nascido com *Foi Voulue*, oferecido ao sacerdócio por seu próprio pai e ligado à Igreja pelos escravos negros.

